

**EDSON CARVALHO VIDIGAL \***

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça*

A palavra repórter designava, em sua origem inglesa, o investigador. Repórter era o que não se limitava a descrever o fato mas o que, depois de investigá-lo, contava uma história.

Daí aquelas perguntas – que, quem, quando, como, onde, por que? Com estas ferramentas saía a campo, checando lugares, ouvindo pessoas, reconstituindo cenas, perfis, falas até que a história pudesse ser contada inteiramente.

Repórter, portanto, era sinônimo de investigador. A reportagem em sua origem era, por natureza, investigativa.

A reportagem hoje já se contenta apenas com a cobertura, ou seja com a descrição pura e simples do evento e as aspas nas bocas de algumas personagens.

O repórter hoje, quase sempre, parece saber tanto, mas tanto mesmo, que criaria o maior problema para a humanidade se fizesse uma reportagem contando tudo que imagina saber. E aí acaba não contando tudo, no máximo faz um comentário, emite sua opinião pessoal e pronto.

Reportagem investigativa é a que trabalha uma pauta comprometida com respostas claras, objetivas, interessantes. Não precisa ser necessariamente uma reportagem de denúncia explosiva.

Pode ser sobre como o cientista da Embrapa desenvolveu aquela semente de pequi que vai dar flores nas quatro estações e ao mesmo tempo um pequi com uma amêndoa de oleaginosa superior à que abastece os foguetes da Nasa.

É preciso tirar os estadistas das redações, mandando-os às ruas, às fontes onde todos já se esqueceram de ir em busca de histórias interessantes contadas em reportagens interessantes.

Lógico que fazer jornalismo investigativo dá trabalho, demora mais, tem riscos e custos maiores. Mas vale a pena.

Exemplo de grande repórter investigativo – Bob Woodward “Por Detrás da Suprema Corte” e “A Agenda – Por dentro da Casa Branca de Bill Clinton” são primores de reportagens investigativas que, lógico, só couberam em livro.

Seu trabalho com Carl Bernstein, no Washington Post, sobre o caso Watergate, que redundou na queda de Nixon, ficou como exemplo maior para todos os profissionais da imprensa.

Vale a pena ler, em qualquer época, o que eles escreveram. Você até pensa que é ficção. Mas não é. É jornalismo investigativo.

Bom que se discuta isso agora, outra vez. Seria bom se alguns excelentes repórteres esquecessem o telefone e o e-mail por algum tempo e caíssem em campo apurando todos os detalhes, ouvindo todos os lados, até que tivessem material suficiente para uma bela história numa interessante reportagem.